

## OSTRAS E JABUTICABAS

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2008, 278 p.

ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta, 2010, 256 p.

**Vicentônio Regis do Nascimento Silva\***

**Adriana Jesuíno Francisco\*\***

Diferentemente de significativa parcela dos estudiosos – para quem a crônica instala-se na transitoriedade diária do contexto político, social, econômico, cultural ou religioso – Afrânio Coutinho demonstra que a efemeridade é uma de suas possibilidades, mas não a única delas. O Crítico Literário assegura a diversidade das espécies, entre as quais a crônica metafísica, “(...) constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens” (COUTINHO, 2008, p. 107).

Desde meados da década passada, Rubem Alves concentra-se na libertação das notas de seus caderninhos. Observador perspicaz das mudanças líquidas das relações afetivas, seguindo a máxima de se dizer muito no essencial, alçou a crônica a transporte acessível e acessado de investidas simples contra convicções complexas, separando os escritos em grupos temáticos dos quais se origina **Ostra feliz não faz pérola** (segundo lugar do prêmio Jabuti) e **Do universo à jabuticaba**.

As características da classificação elaborada por Afrânio Coutinho são perceptíveis: ambos os títulos empenham-se em “(...) estabelecer com o leitor uma intimidade afetuosa que o leva a se identificar à matéria exposta” (CANDIDO, 2007, p. 110-111), buscando a magnitude “(...) a ponto de se tornar exemplar ou inalcançável. E, portanto, se eternizar” (GALVANI, 2009, p. 18). A transmissão de mensagens e o desencadeamento de efeitos são

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: vicrenos@yahoo.com.br

\*\* Graduanda em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: drimouse@yahoo.com.br

suas prioridades. Personagens, lugares ou situações são secundários. Desenha-se a universalidade pela Verdade, por sua vez, erigida pela argumentação.

Durante discurso de Luis Fernando Veríssimo, uma voz da platéia indaga a fonte das inspirações nos assuntos sexuais. Resposta: “Eu tiro a minha inspiração é da saudade...” (ALVES, 2010, p. 60) Os espectadores explodem em gargalhadas. Rubem Alves condói-se do colega de ofício: sua justificativa de saudade não floresce do campo da alegria, mas dos labirintos mnemônicos de “um velho”.

O exemplo assinala a crônica metafísica: irrelevantes os personagens (reais ou fictícios) ou os lugares. São importantes as mensagens e os efeitos causados no leitor. Moacyr Scliar, Eduardo Galeano ou Mario Vargas Llosa poderiam substituir Luis Fernando Veríssimo: a mensagem destina-se ao homem universal (letrado ou ignorante, crente ou ateu, liberal ou conservador) angustiado entre as saudades da juventude, a perda da segurança da idade adulta e a entrada no declínio biológico (mudanças físicas, intelectuais, psicológicas e sexuais).

Sobressaem as mensagens e o desejo de efeitos práticos, os assuntos relacionados aos temas permanentes (e, se permanentes, literários, educacionais e filosóficos), o desmantelamento da culpa e a instigação à vida. Em **Ostra feliz não faz pérola**, são exemplos as inquietações na edificação de caminhos que minimizem os sofrimentos, simbolizadas no incômodo causado pelo grão de areia na produção da pérola (*Ostra feliz não faz pérola*, p. 11-12); a superação das diferenças na composição plural da identidade coletiva, promovida pela estética e pela Arte (*O pianista*, p.34-35); o esclarecimento de temas cotidianos, distinguindo conceitos que se complementam e, ao mesmo tempo, são independentes como amor e casamento (*Amantes*, p. 78); a aplicação da inteligência docente na pesquisa de métodos que conquistem, mas que não obriguem os alunos a aprender (*Desejos*, p. 117-118); as dúvidas na construção do conhecimento (*Dúvidas*, p. 209-210).

**Do universo à jabuticaba** são lições pragmáticas que ensinam a, dialogando com Guimarães Rosa, compreender os sofrimentos de uma criança (*Ver*, p. 42-43); redimensionar os conceitos dominantes, como os que inserem os mais experientes na *melhor idade*, termo que, na prática, é “(...) uma mentira delicada para não humilhar os velhos” (*Melhor idade?*, p. 55-56); desmontar as respostas teológicas (*Conversa teológica entre pai e filho*, p. 120-122) ou desmascarar os discursos que tornam sinônimas a felicidade e a religião (*Religião e felicidade*, p. 125-126); libertar-se de estigmas de comportamento (*Filosofia do gato*, p. 79-81); utilizar satisfatoriamente o conhecimento, considerando que “a memória é um corredor de macarrão: o que não vai ser comido, ela esquece” (*Memória*, p. 235-237); buscar sabedoria

na percepção dos detalhes (*Cegueira*, p. 50-51) ou promover a igualdade por meio da aceitação das diferenças (*O gato que gostava de cenouras*, p. 215-217).

Embora as regras de técnicas literárias advertam sobre as repetições, Rubem Alves recorre a elas como mecanismo de coesão textual. São artifícios pedagógicos de fixação de conceitos. O leitor passa despercebido sobre o primeiro alerta, recorda-se na segunda ocasião, assimila ou repudia a terceira aparição e, na quarta vez, repete o comando antes de concluir a leitura da paráfrase que

(...) acontece sempre que recorremos ao procedimento de voltar a dizer o que já foi dito antes, porém, com outras palavras, como se quiséssemos traduzir o enunciado, ou explicá-lo melhor, para deixar o conteúdo mais transparente, sem perder, no entanto, sua originalidade conceitual. A paráfrase é, portanto, uma operação de reformulação, de dizer o mesmo de outro jeito. É um recurso bastante comum nos textos explicativos, ou naqueles com função didática, nos quais há, obviamente, um interesse particular na compreensão dos pontos abordados. (ANTUNES, 2010, p. 62).

Com a finalidade de exemplificar as paráfrases pedagógicas, recorremos a **Do universo à jabuticaba**. A crítica ao eufemismo *melhor idade* – e, conseqüentemente, às cortinas que escondem as mazelas dos palcos – aparece em *Melhor idade?* (p. 55-56), *Maldições da velhice* (p. 61) ou *Asas nos pés* (p.62). Os problemas da cegueira psicológica são constatados em *Cegueira* (p.50-51) ou *Paraíso* (p.81). As argúcias das interpretações teológicas salientam-se em *Jardim das delícias* (p.123-124) e *Meretrizes* (p.133-134).

**Ostra feliz não faz pérola e Do universo à jabuticaba** tratam literariamente de temas filosóficos e educacionais, mas não criam sistemas filosóficos ou teorias pedagógicas: adensam-se na transmissão e na construção do conhecimento assim como na aplicação da inteligência. Se, por um lado, as mensagens são eficazmente transmitidas, por outro, apenas estudos mais profundos avaliariam seus efeitos à medida que os leitores saem das crônicas conscientes sobre *o que fazer*, mas não habilitados sobre *como fazer*. Entre a assimilação e a prática, abre-se trajeto que, diante dos percalços, dos esforços sistemáticos e dos inevitáveis confrontos, pode ser abandonado antes mesmo dos primeiros passos.

Os primeiros passos – universalizar o cotidiano, abrir os olhos ao ignorado, absorver novas orientações aos velhos caminhos, aplicar teorias pedagógicas e sistemas filosóficos, provocar confrontos e conformações – são dados. Os passos seguintes cabem aos leitores. O cronista-educador já mostrou *o que fazer*. Portanto, os leitores precisam refletir pedagógica, literária e filosoficamente sobre *como fazer*, alcançando a máxima de Paulo Freire de que a

mudança social e a transformação pedagógica iniciam-se, antes de manifestações grupais, pelo indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras – coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2010.

CANDIDO, Antônio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GALVANI, Walter. *Crônica – o vôo da palavra*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

**Recebido:** maio de 2012  
**Aprovado:** outubro de 2012